

## Hannah Arendt

**José Alexandre da Silva**

Membro da Academia Paraense de Ciências



Finalmente foi publicada a tradução em português do livro *In the steps of Hannah Arendt* de Laure Adler com o título *Nos Passos de Hannah Arendt* (tradução exemplar de Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques, editora Record, 644 páginas). O resultado: um retrato definitivo, escrito com clareza – apesar da complexidade natural de passagens que se aprofundam em temas discutidos por Hannah –, de uma das raras vozes femininas a surgir com destaque nos compêndios de filosofia.

Adler, que trabalhou com o presidente francês François Mitterand, mostra a alma de uma geração. A "*generosidade*" de Raymond Aron e a "*militância nazista, escrachada e oportunista*" do filósofo alemão Martin Heidegger (paixão de Arendt). O livro modula suavemente as discussões filosóficas e não passa ao largo dos defeitos de Hannah – omitir, às vezes, o peso de contribuições alheias para suas ideias; quase nunca reconhecer os próprios equívocos; jamais reconhecer o verdadeiro valor intelectual de seu primeiro marido, Günther Anders (pseudônimo de Günther Stern), um dos pioneiros no estudo da ficção do tcheco Franz Kafka (*Kafka: Pró e Contra*. Tradução e introdução de Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 2003). A admiração de Adler por Arendt, no entanto, se sobrepõe aos defeitos.

Nascida em 1906, em Hannover, Hannah Arendt estudou nas universidades de Marburg e Freiburg, e em 1928 obteve o doutorado em filosofia pela Universidade de Heidelberg, sob orientação de Karl Jaspers, com a tese *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Interrogada pela polícia nazista em 1933, ela consegue escapar para a França nesse mesmo ano, depois foge para Lisboa e em 1941 para os Estados Unidos. Tinha 35 anos. Lia os clássicos enquanto vivia numa dieta de grão-de-bico e repolho. Nos Estados Unidos trabalhou em vários órgãos e associações judaicas e a partir da década de 1950 passa a lecionar em várias universidades, até fixar-se como professora da New School, em Nova York. Lá, encantava um pedaço da esquerda e expunha o totalitarismo

soviético. Tornou-se uma das maiores pensadoras do século XX. Era judia e antissionista.

Seu primeiro grande livro, *Origens do Totalitarismo*, foi publicado em 1951. Dividido em três partes; *Antissemitismo*, *Imperialismo* e *Totalitarismo*, o livro pretende explicar o fenômeno totalitário, abordado especialmente na terceira parte, como desdobramento histórico de condições inauguradas pelos dois fenômenos anteriores, do antissemitismo e do imperialismo europeu, neste livro a filósofa inicia uma profunda reflexão política a partir dos principais acontecimentos do século XX.

O conceito de *totalitarismo* para ela é distinto do comumente usado pelos cientistas políticos. Apesar de concordarem que esse é um fenômeno novo, típico do século XX, a teoria política tradicional considera que o Estado forte e a ideologia ortodoxa pretendem a *repressão dos desvios* e a *imobilização da sociedade*, adequando-a à realização de uma finalidade. Mas isso, para Hannah Arendt, caracteriza melhor uma mera ditadura moderna.

Em 1958 ela lança *A Condição Humana*, onde procura tematizar os três conceitos fundamentais que constituem a gênese da sua antropologia filosófica: *trabalho*, *produção* e *ação*, fixando o lugar da *ação política* na existência do homem, desde a Antiguidade grega até hoje, confrontando essa *ação* com a *atividade* do *trabalho* e da obra, e propondo uma crítica da modernidade, estendendo a reflexão para os fundamentos existenciais da *ética* e do *poder*, num contato crítico com as filosofias de Jaspers e Heidegger.

Baseada nas reflexões mais amplas de *A Condição Humana*, Hannah Arendt prepara logo em seguida aulas e textos que comporão alguns outros importantes livros como *Sobre a Revolução* e *Entre Passado E Futuro*.

Hannah Arendt mudou o curso de sua vida em 1961, quando propôs à revista *New Yorker* que a mandasse a Jerusalém para cobrir o julgamento de Adolf Eichmann, o supervisor das deportações do Holocausto. Ele fora sequestrado por agentes israelenses em Buenos Aires. Numa série de cinco artigos que, com algumas alterações, viraram o livro *Eichmann em Jerusalém*, ela criou uma expressão universal: "*a banalidade do mal*", ou seja, a forma pelo qual o mal pode se tornar um assunto apenas administrativo nas estruturas da burocracia que domina o fazer político moderno.

Arendt evitou a armadilha que explicava tudo a partir da construção de um monstro: "*Era difícil não desconfiar que fosse um palhaço*". Além disso, foi fundo na condenação das lideranças de sua comunidade na Europa: "*Para um judeu, o papel desempenhado pelos líderes judeus na destruição de seu próprio povo é, sem dúvida alguma, o capítulo mais sombrio de toda uma história de sombras*".

Nunca a vida de Hannah Arendt foi tão bem contada. A narrativa de Adler mostra que ela foi influenciada pelo tédio que ronda os repórteres em longas coberturas. Aborreceu-se com a cidade, não teve paciência com as testemunhas, irritou-se com a gramática do promotor e largou o tribunal no meio do julgamento.

Ao que parece, a expressão "*banalidade do mal*" foi sugerida a Hannah Arendt por seu marido, Heinrich Blücher, ou estaria presente já numa carta de Jaspers a ela nos anos 1940. De qualquer modo, em outra carta, dos anos 1960, o mesmo Jaspers disse gostar do termo, pois ele não significa que o mal em si seja banal, mas que especificamente o *mal nazista* seria *banal*. Aqui se percebe, porém, uma tendência a reduzir a abrangência da "*banalidade*".

Um complemento interessante ao livro de Arendt é encontrado em uma recente obra cinematográfica. Dirigido pelo cineasta inglês Stephen Daldry, o filme *O leitor* (2008), baseado no romance de mesmo título do escritor e jurista alemão Bernhard Schlink, (*O Leitor*, Bernhard Schlink, Tradução: Pedro Sússekind, Editora: Record,

2009), conta a história de uma relação amorosa entre Michael Berg, um estudante de 15 anos (interpretado na juventude por David Cross e na maturidade por Ralph Fiennes) e Hanna Schmitz, funcionária da companhia de bonde, cerca de 20 anos mais velha. O papel de Hanna Schmitz rendeu a Kate Winslet o Oscar e o Globo de Ouro de Melhor Atriz.

Ao escrever o romance que gerou o longa-metragem de Daldry, Schlink provavelmente conhecia o ponto de vista desafiador e instigante de Hannah Arendt e, a nosso ver, não seria mera coincidência o fato de a sua personagem ter o nome de Hanna.

Segundo o crítico Márcio Seligmann-Silva:

*"do ponto de vista da história da representação do Holocausto, este livro, de 1995, representou uma guinada: sua estrutura e modo de apresentação da história de Michael e Hanna fazem da figura do guarda de campo de concentração, uma pessoa digna de compaixão, de amor e de tudo mais. Schlink, ele mesmo um jurista, acaba construindo com Michael um alter-ego em busca de resolver a questão da sua relação com o passado da Alemanha.*

*Ele apresenta o drama da sua geração que, nos anos 1960, se empenhou em julgar e revelar o que ocorrera no nazismo, em denunciar o escândalo dos nazistas que continuavam em altos postos ainda naquele período, e que assumiu de modo radical a culpa e a vergonha pelo que seus "pais" haviam feito. Mesmo se no livro o pai de Michael não tenha de fato feito nada. Ele representa a impotência da Alemanha Iluminista: é um filósofo, autor de obras sobre Kant e Hegel, que fez um exílio interno durante o período nazista".*

À época da publicação de Eichmann em Jerusalém, as ideias de Arendt atraíram críticas iradas dos militantes de organizações judaicas. Estes, além de considerar falsas suas conclusões, rejeitariam a insinuação da cumplicidade no extermínio. Na verdade, a autora somente salientara a complexidade da natureza humana e uma certa *"banalidade do mal"*, que surge à medida que se encara com naturalidade aberrações como a tortura, o sofrimento e a prática do mal. Assim, Arendt conclui que apenas o exercício de uma constante vigilância pode assegurar a preservação e a defesa da liberdade.

Adler foi além dos papéis de Arendt e, em seis páginas, mexe num caso que dará tristeza ao professor Celso Lafer, aluno e devoto da pensadora. No Brasil, onde seus livros circulavam livremente, era freguesa da censura à imprensa dos anos 70. No livro, Arendt louva uma obra monumental, publicada, em 1961, pelo professor Raul Hilberg, da Universidade de Vermont. Chama-se *"A destruição dos judeus da Europa"* (*The Destruction of the European Jews* – Yale University Press, 2003) e discute o comportamento das lideranças judaicas europeias. O livro havia sido rejeitado pela Universidade Princeton e pelo Instituto Yad Vashem. Adler entrevistou Hilberg. Ele avisara: *O que vou lhe dizer de Hannah não é agradável. Você quer realmente saber?*

O professor lhe mostrou uma carta. Em 1960, Hannah Arendt desaconselhara a publicação do trabalho pela editora de Princeton. Sustentara que era obra inútil, sobre um assunto esgotado. Hilberg já se referira ao lance em 1994, mas discutiu melhor o assunto na conversa com Adler. Arendt rejeitara o livro em 1960 e, depois que ele foi publicado, usou-o (11 citações na versão ampliada de *Eichmann em Jerusalém*), fazendo de conta que nada acontecera.

O debate provocado por *Eichmann em Jerusalém* dividiu a intelectualidade de esquerda de Nova York e apressou a migração de uma parte dela para a direita. Criticaram-na por ter pegado leve no réu e pesado nas vítimas.

Em uma conferência de 1970, Arendt voltou ao tema:

*Há alguns anos, em um relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a banalidade do mal. Por mais monstruosos que fossem os atos, o agente não era nem monstruoso nem demoníaco; a única característica específica que se podia detectar em seu passado, bem como em seu comportamento durante o julgamento e o inquérito policial que o precedeu, afigurava-se como algo totalmente negativo: não se tratava de estupidez, mas de uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar.*

Após publicar *Eichmann em Jerusalém*, Hannah Arendt sente a necessidade da própria volta a Kant, isto é, de uma retomada da ética do filósofo de Königsberg a partir do conceito de "*mal absoluto*", tarefa em que se empenha desde meados da década de 1960 até sua morte. Chegou a ver editados dois ou três livros que tinha planejado escrever inspirada pela pista kantiana. Devido a isso, porém, acabou não dando mais muita atenção ao problema da relação entre o "*mal*" e o sistema social moderno como sistema, justamente onde ocorreria a sua banalização. Não só como "*mal moral*", mas como resultado da investigação de valores pelo sistema é que ele se determina em sua banalidade. E não só no nazismo esse resultado seria visível, embora certamente ele tenha sido seu caso limite.

Ficou apontada, mesmo assim, uma direção de pensamento possível e fértil, pela qual a "*banalidade*" implica não existir uma dicotomia entre o "*mal*" e o sistema, entre o lado voluntário e consciente da ação e o seu lado involuntário e inconsciente. A violência, nesse sentido, não é algo historicamente anterior ao sistema, que prescindiria dela, apresentando-a como um resíduo necessário apenas excepcionalmente, como violência pura e simples, distante dele. Mas a violência do sistema não exime de responsabilidade os seus executores, não pode abrir mão de sua consciência e vontade. A análise exemplar e implacável do caso *Eichmann* chega a evidenciar tudo isso. E se depois dela Hannah Arendt recuou para uma perspectiva moral e humanista, também permitiu vislumbrar o outro caminho.

Publicado em 1963, *Sobre a Revolução* representa talvez a contribuição máxima de Arendt ao pensamento liberal contemporâneo. Nesse trabalho, a autora estabelece uma série de comparações entre as revoluções da França e dos Estados Unidos, analisando seus aspectos comuns e as principais diferenças entre aqueles dois movimentos de ruptura da ordem pré-existente. Propõe ainda, como condição indispensável à manutenção da liberdade, que as instituições pós-revolucionárias introjetem e preservem vivos os ideais revolucionários.

Nesse ponto, advertiu seus concidadãos americanos que não se afastassem da ideologia que motivou sua revolução, sob risco de perderem dois componentes básicos da cidadania: o sentido de pertencer a uma nação e a própria identidade.

Autêntica teórica do inconformismo, Arendt defendeu os direitos individuais e a família, contra as "sociedades de massas" e os crimes contra a pessoa; pregou ainda a desobediência civil, os direitos dos trabalhadores e posicionou-se contra a guerra do Vietnã.

Como todo grande filósofo, estimulou continuadores a superá-la.

Um episódio ilustra a racionalidade e o esnobismo de Hannah Arendt. Em março de 1962 ela sofreu um acidente de trânsito no Central Park. Retiraram-na de um táxi com a cabeça ferida, seis costelas e um pulso quebrados. Enquanto esperava a ambulância, mexeu-se e concluiu que não estava paralisada. Em seguida, recitou poemas em grego e lembrou os números dos telefones de alguns amigos. Depois fechou os olhos e aguardou o socorro em paz.

Hannah Arendt faleceu em 1975, e está sepultada em Bard College, Annandale-on-Hudson, Nova Iorque, EUA.

Sua obra é uma busca de explicações para as malvadezas humanas.

#### **OBRAS DE HANNAH ARENDT**

H. Arendt: *Der Liebesbegriff bei Augustin. Versuch einer philosophischen Interpretation*, Berlin, 1929; Nachdruck L. Lütkehaus (Ed.); Berlin-Wien 2003.

H. Arendt (Ed.): *Bernard Lazare. Job's Dungheap. Essays on Jewish Nationalism and Social Revolution*, New York 1948.

H. Arendt: *Sechs Essays*. Heidelberg 1948.

M. Brod (Ed.)/ (Mitarbeiterin): *The Diaries of Franz Kafka, Vol. 2, 1914-23*, New York 1949.

*The Burden of Our Time*, London 1951.

*The Origins of Totalitarianism*, New York 1951.

H. Arendt: *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*, Frankfurt/Main 1955.

H. Arendt (Ed.): *Hermann Broch: Dichten und Erkennen. Essays*, 2 Bde., Zürich 1955. (H. Broch, *Gesammelte Werke*, Bde. 6,7.)

H. Arendt; C. Beradt (Trans.): *Fragwürdige Traditionsbestände im politischen Denken der Gegenwart: Vier Essays*, Frankfurt/Main 1957.

H. Arendt: *Die Krise in der Erziehung*, Bremen 1958.

H. Arendt: *Die Ungarische Revolution und der totalitäre Imperialismus*, München 1958.

H. Arendt: *Elemente totaler Herrschaft*, Frankfurt/Main 1958. (Kapitel 9-13 von *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*, 1955.)

Rahel Varnhagen. *The Life of a Jewess*, London 1958.

K. Jaspers/ H. Arendt: *Reden zur Verleihung des Friedenspreises des Deutschen Buchhandels*, München

*The Human Condition*, Chicago 1958.

H. Arendt: *Rahel Varnhagen. Lebensgeschichte einer deutschen Jüdin aus der Romantik*, München und Frankfurt/Main 1959.

H. Arendt: *Vita activa oder Vom tätigen Leben*, Stuttgart 1960 und München 1960.

H. Arendt: *Von der Menschlichkeit in finsternen Zeiten. Gedanken zu Lessing*, München 1960.

- Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought, New York 1961.
- (Ed.): Karl Jaspers: The Great Philosophers, Vol. 1-2, New York 1962 und London 1962.
- H. Arendt: Eichmann in Jerusalem. A Report on the Banality of Evil, New York 1963 und London 1963.
- On Revolution, New York 1963.
- H. Arendt; B.Granzow (Trans.): Eichmann in Jerusalem: Ein Bericht von der Banalität des Bösen, München 1964.
- H. Arendt: Über die Revolution, München 1965.
- Between Past and Future: Eight Exercises in Political Thought, Revised Edition including two additional essays, New York 1968.
- Men in Dark Times, New York 1968.
- H. Arendt (Ed.); H. Zohn (Trans.): Walter Benjamin: Illuminations, New York 1968.
- H. Arendt; G.Uellenberg (Trans.): Macht und Gewalt, München 1970.
- On Violence, New York 1970 und London 1970.
- H. Arendt: Walter Benjamin – Bertolt Brecht: Zwei Essays, München 1971.
- Crises of the Republic: Lying in Politics – Civil Disobedience – On Violence – Thoughts on Politics and Revolution, New York 1972.
- H. Arendt: Wahrheit und Lüge in der Politik: Zwei Essays, München 1972.
- H. Arendt: Die verborgene Tradition: Acht Essays, Frankfurt/Main 1976.
- R. H. Feldman (Ed.): The Jew as Pariah: Jewish Identity and Politics in Modern Age, New York 1978.
- The Life of the Mind, 2 Bde., New York 1978 und London 1978.
- H. Arendt [H. Vetter (Trans.)]: Vom Leben des Geistes, 2 Bde., München 1979.
- R. Beiner (Ed.): Lectures on Kant's political philosophy, Chicago 1982.
- H. Arendt/ K. Jaspers; L. Köhler/ H.Saner (Ed.): Briefwechsel 1926-1969, München 1985.
- H. Arendt; R. Beiner (Ed.); U.Ludz (Trans.): Das Urteilen: Texte zu Kants Politischer Philosophie, München 1985.
- H. Arendt; M.L. Knott (Ed.); E.Geisel (Trans.): Zur Zeit. Politische Essays, Berlin 1986; aktualisierte, erweiterte Neuauflage, Hamburg 1999.
- H. Arendt; E. Geisel/ K.Bittermann (Eds.): Die Krise des Zionismus. Essays und Kommentare 2, Berlin
- H. Arendt; U. Ludz (Ed.): Menschen in finsternen Zeiten, München 1989.
- H. Arendt; E. Geisel/ K.Bittermann (Eds.): Nach Auschwitz. Essays und Kommentare 1, Berlin 1989.

- H. Arendt; E. Geisel/ K.Bittermann (Eds.): Israel, Palästina und der Antisemitismus, Berlin 1991.
- K. Jaspers; L .Köhler/ H. Saner (Ed.); R&R.Kimber (Trans.): Correspondence 1926-1969, New York 1992.
- H. Arendt; E. Geisel (Trans.): Besuch in Deutschland, Berlin 1993.
- H. Arendt; U. Ludz (Ed.): Was ist Politik? Fragmente aus dem Nachlaß, München 1993.
- J. Kohn (Ed.): Essays in Understanding 1930-1954, New York 1994.
- H.Arendt; U.Ludz (Ed.): Zwischen Vergangenheit und Zukunft. Übungen im politischen Denken I, München 1994.
- M. McCarthy; C. Brightman (Ed.): Between Friends. The Correspondence of Hannah Arendt and Mary McCarthy 1949-1975, New York 1995.
- H. Arendt/M.McCarthy; C. Brightman (Ed.); U.Ludz/ H.Moll (Trans.): Im Vertrauen. Briefwechsel 1949-1975, München 1995.
- H.Arendt/ K.Blumenfeld; I.Nordmann/ I. Pilling (Eds.): "...in keinem Besitz verwurzelt". Die Korrespondenz, Hamburg 1995.
- H. Arendt/ H.Blücher; L.Köhler (Ed.): Briefe 1936 – 1968. München [u.a.] 1996.
- H. Arendt/ H.Broch; P.M.Lützelner (Ed.): Briefwechsel 1946 bis 1951, Frankfurt/Main 1996.
- J. V. Scott/ J. C. Stark (Eds.): Love and Saint Augustine. Chicago [u.a.], Chicago 1996. (Veröffentlichung aus dem Nachlass auf der Grundlage der englischen Übersetzung E.B.Ashtons von Der Liebesbegriff bei Augustin, 1929, und Arendts unvollendet gebliebener Überarbeitung.)
- H. Arendt/ M.Heidegger; U.Ludz (Ed.): Briefe 1925 bis 1975 und andere Zeugnisse aus den Nachlässen, Frankfurt/Main 1998.
- H. Arendt; Hannah-Arendt-Institut für Totalitarismusforschung (Ed.): Über den Totalitarismus. Texte Hannah Arendts aus den Jahren 1951 und 1953, Dresden 1998.
- H. Arendt; U.Ludz (Ed.): In der Gegenwart. Übungen im politischen Denken II, München [u.a.] 2000.
- H. Arendt; M.Knott (Ed.): Vor Antisemitismus ist man nur noch auf dem Monde sicher. Beiträge für die deutsch-jüdische Emigrantenzeitung "Aufbau" 1941 – 1945, München [u.a.] 2000.
- H. Blücher; L. Kohler (Ed.); P. Constantine (Trans.): Within Four Walls. The Correspondence between Hannah Arendt and Heinrich Blücher, 1936-1968, New York 2000.
- H.Arendt; U.Ludz/ I.Nordmann (Eds.): Denktagebuch 1950-1973, 2 Bde., München 2002.
- J. Kohn (Ed.): Responsibility and Judgment, New York 2003.
- H. Arendt/ U.Johnson; E. Fahlke/ T. Wild (Eds.): Der Briefwechsel 1967 – 1975, Frankfurt/Main 2004 .
- M. Heidegger; U. Ludz (Ed.); A. Shields (Trans.): Letters 1925-1975, Orlando [u.a.] 2004.
- H. Arendt/ J. Kohn (Ed.), The Promise of Politics. New York 2005.

H. Arendt/ J. Kohn (Ed.): *Über das Böse. Eine Vorlesung über Fragen der Ethik. Übersetzt aus dem Englischen von Ursula Ludz. Mit einem Nachwort von Franziska Augstein, München-Zürich 2006.*

H. Arendt/ J. Kohn (Ed.), *The Jewish Writings*. New York 2007.

### **TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Arendt, Hannah - *Verdade e Política*. Lisboa. Lisboa Editora. 2005. Tradução comentários de Luís Lourenço.

Arendt, Hannah - *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa. Tenacitas. 2004.

Arendt, Hannah - *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras (Brasil).

Arendt, Hannah - *O Sistema Totalitário*. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1978

Arendt, Hannah - *Origens do Totalitarismo - Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo* Companhia das Letras (Brasil).

Arendt, Hannah - *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa. Instituto Piaget.

Arendt, Hannah - *A Vida do Espírito*. Vol. I. *Pensar*. Lisboa. Instituto Piaget.

Arendt, Hannah - *A Vida do Espírito*. Vol. II. *Querer*. Lisboa. Instituto Piaget.

Arendt, Hannah - *Sobre a Revolução*. Lisboa. Lisboa. Relógio D`Água.

Arendt, Hannah - *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa. Relógio D`Água (edição da Perspectiva. 2002).

Arendt, Hannah - *Compreender - Formação, exílio e totalitarismo - Ensaios (1930-1954)*. Perspectiva.

Arendt, Hannah - *O Homem em Tempos Sombrios*. Lisboa. Relógio D`Água.

Arendt, Hannah - *O Homem em Tempos Sombrios*. Companhia das Letras (Brasil).

Arendt, Hannah - *O Homem em Tempos Sombrios*. (Edição de Bolso) Companhia das Letras (Brasil).

Arendt, Hannah - *A Condição Humana*. Lisboa. Relógio D`Água.

Arendt, Hannah - *A Crise da República*. São Paulo. Perspectiva.

Arendt, Hannah - *O Que é a Política*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil

Arendt, Hannah - *Responsabilidade e Julgamento* Companhia das Letras (Brasil).

### **OBRAS SOBRE HANNAH ARENDT**



Adeodato, João Maurício Leitão. *Problema da legitimidade: no rastro do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Adler, Laurie. *Nos passos de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Aguiar, Odílio Alves e outros (org.). *Origens do totalitarismo, 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

Amiel, Anne. *Hannah Arendt, política e acontecimento*. Lisboa: Piaget, 1997.

Canovan, M. *Hannah Arendt: a reinterpretation of her political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Courtine-Denamy, Sylvie. *Hannah Arendt*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

Critelli, Dulce Mara. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Ed. Brasiliense e EDUC, 1996.

D'Entrèves, M. P. *The Political Philosophy of Hannah Arendt*. New York: Routledge, 1994.

Duarte, André. *O pensamento à sombra da ruptura. Política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Enegrén, Andre. *La pensée politique de Hannah Arendt*. Paris: PUF, 1984.

Esposito, Roberto. *El origen de La política. Hannah Arendt o Simone Weil?* Barcelona: Paidós, 1999.

Kielmansegg, P. G. e outros (orgs.). *Hannah Arendt and Leo Strauss. German emigrés and american political thought after World War II*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Lafer, Celso. *Hannah Arendt — Pensamento, Persuasão e Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *A reconstrução dos direitos humanos — um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Schwarcz, 1991.

May, L. e Kohn, J. (orgs.). *Hannah Arendt. Twenty Years Later*. London: MIT Press, 1997.

Moraes, Eduardo Jardim e Bignotto, Newton (orgs.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

Ortega, Francisco. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

Roviello, Anne-Marie. *Senso comum e modernidade em Hannah Arendt*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

\_\_\_\_\_ e Weyembergh, M. (orgs.). *Hannah Arendt ET La modernité*. Paris: J. Vrin, 1992.

Souki, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

Villa, D. *The Cambridge Companion to Hannah Arendt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Xarão, Francisco. *Política e liberdade em Hannah Arendt*. Ijuí: Unijuí, 2000.

Young-Bruehl, Elizabeth. *Hannah Arendt, por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

\_\_\_\_\_. Why Arendt matters. Yale University Press: New Haven, 2006.

Wagner, Eugênia Sales. Hannah Arendt e Karl Marx. O mundo do trabalho. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

#### **ARTIGOS SOBRE HANNAH ARENDT**

Benhabib, S. Hannah Arendt and the Redemptive Power of Narrative. In: Hinchman, L.P. e Hinchman, S.K. (orgs.). Hannah Arendt: critical essays. Albany: Suny Press, 1994a.

\_\_\_\_\_. Models of Public Space: Hannah Arendt, the Liberal Tradition, and Jürgen Habermas. In: Habermas and the Public Sphere. Craig Calhoun (org.). Cambridge: 1994b, pp. 73-98.

Canovan, M. Arendt, Rousseau and Human Plurality in Politics. In: The Journal of Politics, v. 45, nº 2, 1983, pp. 286-302.

Critelli, Dulce Mára. Hannah Arendt: a vida ativa e a ação. Ontologia da política. In: Teorias da ação em debate. São Paulo: Cortez, 1993.

Habermas, J. O conceito de poder em Hannah Arendt. In: Habermas. Org. Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ática, 1980, pp. 100-118.

Knauer, J. Motive and Goal in Hannah Arendt's Concept of Political Action. In: American Political Science Review, v. 74, nº 3, 1980, pp. 721-33.

Lebrun, G. A liberdade segundo Hannah Arendt. In: Passeios ao Léu. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 52-59.

\_\_\_\_\_. Hannah Arendt: um Testamento Socrático. In: idem, pp. 60-66.

O'Sullivan, Noel. Hannah Arendt — a nostalgia helênica e a sociedade industrial. In: Filosofia política contemporânea. Anthony de Crespigny e Kenneth R. Minogue (editores). Brasília: Ed. UnB, 1979, pp. 271-294.

#### **DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE HANNAH ARENDT**

Aguiar, Odílio Alves. Filosofia e política no pensamento de Hannah Arendt (doutorado). São Paulo: DF/USP, 1998, mimeo.

Duarte, André de M. Hannah Arendt e a dimensão política do juízo reflexionante estético kantiano (mestrado). São Paulo: DF/USP, 1992, mimeo.

Francisco, Maria de Fátima Simões. Hannah Arendt: orientações fundamentais e suas fontes gregas (mestrado). São Paulo: DF/USP, 1990, mimeo.

#### **REFERÊNCIAS**

ADLER, Laure. Nos passos de Hannah Arendt. Tradução de Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LAFER, Celso. Hannah Arendt - Pensamento, persuasão e poder. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. Hannah Arendt: por amor ao mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.